



**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**THAYSE JÚLIA RODRIGUES AVELINO**

**PESSOA E MÁSCARAS: PODER LOCAL, FAMÍLIA E TRADIÇÃO**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2014**

**THAYSE JÚLIA RODRIGUES AVELINO**

**PESSOA E MÁSCARAS: PODER LOCAL, FAMÍLIA E TRADIÇÃO**

Trabalho apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de graduada em História.

Orientador:

Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A949p Avelino, Thayse Júlia Rodrigues  
Pessoa e máscaras [manuscrito] : Poder local, família e  
tradição / Thayse Julia Rodrigues Avelino. - 2014.  
32 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de  
História".

1. Prática Política 2. Umbuzeiro - Paraíba 3. Sociedade I.  
Título.

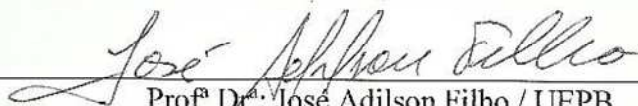
21. ed. CDD 320

**THAYSE JÚLIA RODRIGUES AVELINO**

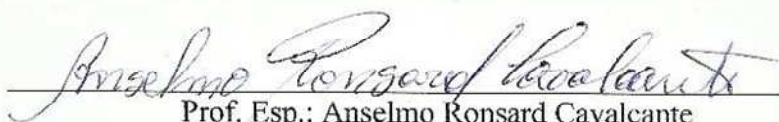
**PESSOA E MÁSCARAS: PODER LOCAL, FAMÍLIA E TRADIÇÃO**

Trabalho apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento á exigências para obtenção do grau de graduada em História.

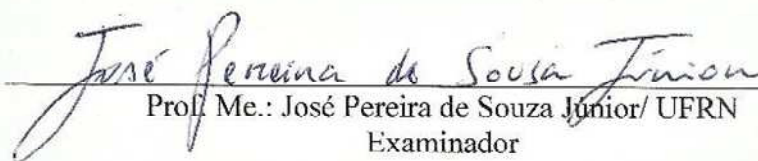
Aprovada em 03/12/2014.



Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup>: José Adilson Filho / UEPB  
Orientador



Prof. Esp.: Anselmo Ronsard Cavalcante  
Examinador



Prof. Me.: José Pereira de Souza Júnior/ UFRN  
Examinador

## AGRADECIMENTO

Ao meu Pai superior, que me guia a cada instante, dando-me forças e coragem para não desanimar diante dos obstáculos que a vida traz; pela doação da inteligência, que nos torna capazes de criar tudo aquilo capaz de suprir nossas necessidades. E por ter-me iluminado sempre, dando-me forças e coragem para concretizar meu ideal.

A minha família, em especial aos meus pais, Paula Rodrigues Avelino e Argemiro Avelino da Silva; ao meu namorado Alberi Bezerra da Silva, por terem sido tão importantes na minha vida e na minha formação, a quem neguei tantas horas de convívio e, mesmo assim, compreenderam meus momentos de dificuldade, e abdicaram de seus sonhos, de seus planos, realizações pessoais, de momentos seus em meu benefício. Incentivando-me para prosseguir, apoiando-me e partilhando comigo os dias de cansaço e as preocupações que me atormentaram no decorrer desta difícil caminhada.

As minhas companheiras de sala, em especial a Viviane Medeiros, Elis Mara Cavalcante, Priscila Juliene da Silva e Taynnã Valentim Rodrigues, que, nas muitas vezes que minha fragilidade humana deu margem para eu fraquejar, foram uma base sólida para eu lutar em sentido contrário, oferecendo-me todos os dias lições de amor, carinho, perdão, compaixão, esperança, coragem, força, incentivo e dedicação, a base sustentável para a realização deste trabalho. Vocês tornaram-se minha segunda família, a família escolhida pelo coração.

Ao meu orientador José Adilson Filho, que acreditou no meu sonho, sempre tão paciente, atencioso, estimulador, inspirador, que tanto contribuiu para a consolidação deste trabalho. Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, pela tão grata oportunidade de formação e de convívio com pessoas tão maravilhosas, exemplos para minha formação, meus mestres. Aos mestres, que me ajudaram na minha construção como educadora, em especial a Faustino Teatino Cavalcante Neto, José Pereira de Souza Júnior, Lúcia Serafim, Vanuza Souza Silva, Patrícia Aragão e Daniel Ely.

Como disse Fernando Pessoa: “sou o intervalo entre meu desejo e aquilo que o desejo dos outros fizeram em mim”. A todos vocês o meu mais profundo reconhecimento e minha eterna gratidão.

## RESUMO

Este trabalho tem por finalidade evidenciar as práticas políticas do exercício de poder da *Família Pessoa* no município de Umbuzeiro – PB, como também as consequentes implicações sociais e políticas das referentes práticas no contexto histórico da sociedade umbuzeirense. Nosso artigo encontra-se fundamentado na escrita de autores como Adilson Filho (2009), que busca desconstruir os mitos doadores de sustentabilidade e perpetuação ao poder político; Nora (1993), que discute a problemática dos lugares de memória; Bursztyn (2008) debatendo o clientelismo no Nordeste; Lewin (1993), que traz o sistema político na Paraíba durante a República Velha; e Duarte (2013) tratando a história do município, bem como a influência da Família Pessoa. Com base em uma pesquisa de campo configurada em questionários realizados com moradores e foreiros utilizadores das terras da Família Pessoa, seja para criação de gado ou para agricultura familiar. É importante destacar o modo como a dominação pessoal e o assistencialismo enraizam-se nessas gerações e como esta família mistura o poder emanado de sua fazenda ao poder exercido na prefeitura do município. Ao analisar a trajetória política da Família Pessoa no município de Umbuzeiro, buscou-se não apenas apreender a sua força política, mas também os processos evidentes de sua lenta decadência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família Pessoa; Poder Local; Umbuzeiro.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema central o poder exercido pela *Família Pessoa*, desde sua chegada ao município de Umbuzeiro – PB no ano de 1861. Trazendo enquanto enfoco o modo como este poder perpetua-se aos descendentes diretos desta família, em linha reta dentro do município. Diante deste estudo faz-se possível também registrar como um poder político de tamanha grandeza foi perdendo força no decorrer do século XX, primeiramente no cenário nacional, seguida pelo estadual, e por fim restringindo seu poder apenas ao âmbito municipal.

A metodologia utilizada para produção deste trabalho tomou por base, além da pesquisa bibliográfica, o uso de questionários aplicados aos residentes das terras da Família Pessoa, bem como os foreiros. Buscamos observar as relações estabelecidas entre a Família e o povo. De forma que procuramos conhecer objetivamente, e o mais impessoal possível, a Família Pessoas e seus laços de representação do poder representado na *Fazenda Prosperidade*, espalhados por todos os prédios públicos da cidade. Laços estes que levam e mantêm esta família no domínio do governo umbuzeirense há 105 anos.

As razões para escolha desse tema explicam-se na incontestável importância política da Família Pessoa no âmbito municipal, bem como no estadual e nacional. Tendo este poder emblemático politicamente nascido em nosso município, Umbuzeiro, acreditamos ser imprescindível cartografar o nascimento do mesmo, como também suas formas de consagração. Torna-se relevante a importância da terra para esta família de oligarcas, que passaram pelo fenômeno do coronelismo e seguiram ressignificando suas práticas como forma de manter-se no controle político.

Os protagonistas deste trabalho serão analisados também pela ótica de seu sobrenome, *Pessoa*, sua influência e marca expressada na cidade de Umbuzeiro, vejamos:

Conforme Rubem Alves, nosso “eu” contém várias pessoas, várias máscaras. A própria palavra pessoa vem do latim *persona*, que quer dizer “mascara de teatro”. A vida e a política são muito parecidas com o teatro, pois constituem algo que precisa de um público para existir. Sem público, eles não tem sentido. (ADILSON FILHO, 2009. p. 63)

A relação entre a Família Pessoa e o povo pode ser comparada a uma peça de teatro, onde os personagens usam as máscaras do paternalismo e assistencialismo para manter seus espectadores na plateia com olhares presos ao espetáculo do poder. O objetivo da espetacularização é que seu público seja sempre fiel, mantendo os personagens no centro do poder, pois o povo também tem um poder, aquele capaz de elevar o figurante, tornando-o protagonista.

Diante desta lógica não faltam mecanismos e artifícios para “ganhar” o povo, e consequentemente permanecer no centro político. Entre estes artifícios está o domínio das terras que são usadas pelos trabalhadores economicamente menos favorecidos. No decorrer deste artigo propomos trazer uma discussão em torno da problemática do momento de aparição dos primeiros representantes da Família Pessoa, bem como o surgimento desta árvore genealógica iniciada no momento da chegada da família a Umbuzeiro – PB. Pensamos este trabalho na perspectiva de analisarmos a construção do poder de uma família que ambicionou consagrar-se além das fronteiras municipais, chegando ao conhecimento nacional.

Exploramos o que tange as práticas do coronelismo e seus laços de poder ante ao novo modelo de política implantado no final do século XIX e início do século XX, pois as referentes práticas encontram-se entre os mecanismos sutilmente utilizados pelas figuras políticas aqui discutidas. Abordaremos ainda o momento de emancipação do

município em 1890, que para além de uma questão de independência, reproduziu-se também como caminho para uma dominação mais expressiva.

Outros pontos que colocaremos em debate neste trabalho remetem-se à influência da *Família Pessoa* na vida religiosa e educacional do município, além dos lugares de memória criados na cidade, como ruas, avenidas, praças e bustos. As festividades em comemoração ao nascimento de João Pessoa também ganham espaço em nossa escrita, pois as mesmas se configuram como tentativa de reavivar no âmbito estadual a importância do município como berço de grandes “heróis”. E por fim buscaremos problematizar de que forma a *Fazenda Prosperidade* é representada enquanto símbolo de poder da Família Pessoa, e a ocupação deste lugar representativo pelos membros da família frente a seus dependentes, os foreiros.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### CHEGADA DOS “CONQUISTADORES”

Por volta de 1685, um século após a fundação da Parahyba, desponta da atual cidade de Pilar uma bandeira sob o comando de Theodósio de Oliveira Ledo rumo à “conquista do Sertão”. Theodósio parte de Pilar cortando o Rio Parahyba sempre por seu leito, cortando deste modo o atual território de Umbuzeiro. Seguindo pelo leito do rio, chega ao Boqueirão, então, antigo município de Cabaceiras, onde se encontra com seu tio Antônio de Oliveira, que desde 1670 havia se fixado ali. Com a passagem de Theodósio têm início as transações comerciais e as comunicações, antes feitas com o estado de Pernambuco<sup>1</sup>.

Contudo, só em 1700 têm início as primeiras doações de terra para criação de gado e estabelecimento de plantações. É doada, então, a primeira sesmaria a Manoel Ramiro Vicente e Manoel da Cruz Maciel, às margens do riacho Moreré, hoje município de Aroeiras. Segundo Silva,

Em 1713, há 08 de outubro, Marcos de Castro Rocha obteve com mais três parentes seus, três léguas de comprimento por uma de largo para cada um, em cuja sesmaria está edificada a cidade de Umbuzeiro e adjacências e toda a propriedade da Família Pessoa, até poucas décadas atrás, com área de mais de 3.000 hectares denominada de **Fazenda Marcos de Castro de Matinadas**, hoje, **Fazenda Prosperidade de Umbuzeiro**, que no final do

---

<sup>1</sup> Ver mais em GOMES. José Eduardo. Umbuzeiro 100 Anos: Nossa Terra – Nossa História – Nossa Gente. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.



século passado, pertencia a Anselmo Pereira de Lucena e passou a seu filho Coronel Henrique de Lucena, e em seguida ao seu genro Tenente – Coronel José da Silva Pessoa e seus descendentes em linha reta. (SILVA, 2009, p. 16)

Podemos identificar assim as divisões que foram feitas inicialmente nas terras onde hoje se situa Umbuzeiro. Ainda na descrição de Gomes (1995), em 1816 havia algumas fazendas de gado, canaviais e o tráfego de mercadores que faziam o transporte de algodão trazidos de Campina Grande para o Recife, o que quebrava o isolamento vivido pelas populações interioranas. Os mercadores descansavam à sombra do umbuzeiro, comiam seus frutos e bebiam a água de suas raízes, além de dormir embaixo das árvores próximas às fazendas.

### ADVENTO DA FAMÍLIA PESSOA A UMBUZEIRO

O primeiro representante da Família Pessoa a chegar em Umbuzeiro foi o coronel José da Silva Pessoa, então senhor de engenho em Pernambuco, no advento de seu casamento com a filha do barão Henrique Pereira de Lucena, também pertencente à elite rural de Pernambuco. Vejamos:

O barão com grandeza de LUCENA foi Henrique Pereira de Lucena, filho do Cel. Henrique Pereira de Lucena, que começou sua vida política como delegado de polícia na capital da Província de Pernambuco. Foi deputado Provincial e Presidente das Províncias do RN, de PE e, 1872, e em 1890, da Bahia e do RS. Era Grande do Império, Oficial da Imperial Ordem da Rosa e da de Cristo e da Legião de Honra da França. (DUARTE, 2013, p. 100).

Entretanto, o casamento durou apenas um ano, pois Ubaldina falece no parto, e o viúvo casa-se com a irmã de sua esposa em 1861. João da Silva Pessoa e Henriqueta de Lucena Pessoa estabelecem-se em definitivo na Fazenda Prosperidade, herdada como dote de casamento<sup>2</sup>.

Desta relação nasceram cinco filhos: Maria, Mirandolina, Antônio, José e Epitácio<sup>3</sup>. Com a morte precoce do casal, a educação dos filhos fica sob

<sup>2</sup>“A escolha do cônjuge era norteada, no período colonial, pelo princípio de igualdade no que se refere à idade, condição, fortuna e saúde, [...]”. SILVA. Maria Beatriz Nizza da. Sistema de casamento no Brasil colonial. São Paulo: T.A Queiroz: Ed. USP,1984, p.70. “As famílias, por entrelaçamentos múltiplos e mútuos, organizavam amplas redes de parentela, asseguradoras do exercício do poder.” CAMPOS. Alzira Lobo de Arruda. Casamento e família em São Paulo colonial: caminhos e descaminhos. Coordenação Paula Porta. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 151.

<sup>3</sup> Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa nasceu em Umbuzeiro – PB. Formou-se em direito na faculdade de Direito do Recife em 1887, e um mês depois, é nomeado promotor público na cidade de Bom Jardim – PE. Eleito deputado constituinte em, 1890. Tornou-se Ministro da Justiça no governo Campos Salles, em

responsabilidade do Barão de Lucena, irmão de Henriqueta. Deste modo, José Pessoa segue para Rio de Janeiro, onde estudará na Escola Militar. Epitácio e Antônio Pessoa vão estudar na Faculdade de Direito do Recife, sendo que, por problemas de saúde, Antônio retorna a Umbuzeiro, onde mais tarde se tornará chefe político. Maria da Silva Pessoa, filha mais velha de José Pessoa, casa-se com Cândido Clementino, então funcionário público, e também vão residir na Fazenda Prosperidade no ano de 1870, junto a seus oito filhos, entre eles João Pessoa<sup>4</sup>.

### **SURGIMENTO DO PODER FAMILIAR: O CORONEL E SEUS LAÇOS DE PODER**

A figura do coronel torna-se comum nos primeiros anos de república brasileira, envolvendo aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais. A sociedade com bases agrícola latifundiária, construída no Brasil colônia, é apontada como princípio desencadeador para o surgimento da figura do coronel. A patente de coronel é obtida pelos proprietários de terra como fruto da incidência de levantes e revoltas ocorridas no período regencial, onde estes proprietários eram incumbidos de recrutar pessoas de confiança para lutar contra estes revoltosos. Bursztyn (2008) assinala a família do senhor de terras como núcleo central da sociedade rural, ressaltando a ambiguidade de seu caráter, porém ressaltando na sociedade local sua face paternalista.

Diante da situação de ver-se, “Impossibilitado de enfrentar o crescente poder local dos senhores de terras, o governo central da colônia adotou uma política da coexistência pacífica, que se materializa pela omissão do poder público no nível local” (BURSZTYN, 2008, p. 39). Em troca, o poder central podia contar, em geral, com o

---

1898, e Ministro do Tribunal Federal em 1902. No ano de 1919 chega a Presidência da República. Podemos dizer que ele é o maior representante dos períodos áureos da Família Pessoa na Paraíba e no país. O mesmo exerceu a patente de maior chefe político do estado da Paraíba durante treze anos, fato que ficou conhecido como Epitacismo. Para maiores informações sobre a formação das oligarquias familiares na Paraíba ler Linda Lewin, *Política e parentela na Paraíba*, 1941.

<sup>4</sup> “João Pessoa Cavalcante de Albuquerque nasceu em Umbuzeiro (PB), em 1878. Era sobrinho do ex-presidente da República Epitácio Pessoa. Ingressou, em 1895, na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Em 1899, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, por onde se formou em 1904. Em 1909 transferiu-se para o Rio de Janeiro, trabalhando como advogado no Ministério da Fazenda e na Marinha. Em julho de 1919, três meses após a posse de Epitácio Pessoa na presidência, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Militar (STM). Em 1928, elegeu-se presidente do estado da Paraíba. Em 1929, João Pessoa negou-se a apoiar a candidatura situacionista de Júlio Prestes à presidência da República e aceitou convite para ser o candidato a vice-presidência na chapa oposicionista da Aliança Liberal. Articulada pelos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul e encabeçada pelo gaúcho Getúlio Vargas. Em 1930 em viagem ao Recife, João Pessoa foi assassinado por João Dantas em uma confeitaria da capital pernambucana. O assassinato provocou forte comoção no país.” <sup>4</sup> RIBEIRO, Genes Duarte. *Uma História de... Umbuzeiro*. In: *História dos municípios paraibanos*. Antonio Clarindo Barbosa de Souza (org.). Campina Grande: EDUFPG, 2013.

apoio do poder local. A forte presença do poder do Estado no Brasil ao longo de sua história tem se manifestado por seu poder autoritário, porém buscando legitimar seu poder por vias paternalistas, e esta dupla personalidade do Estado assume características diferenciadas, de acordo com os períodos vividos no país.

Este mesmo Estado busca nas elites territoriais, constituídas pelas famílias formadoras da elite local, no nosso caso a Família Pessoa, uma ponte para o intermédio entre as relações entre o poder central e o povo, sem que esta família perca o poder exercido por ela no município. Nesse contexto de grandeza de um poder local, muitas vezes não correspondente à sua importância nacional, nasce e se desenvolve o coronelismo.

Na esfera local, os coronéis exerciam forças policiais para a manutenção da ordem. Além disso, essas mesmas milícias atendiam aos seus interesses particulares. Em uma sociedade em que o espaço rural era o grande palco das decisões políticas, o controle das polícias fazia do coronel uma autoridade inquestionável. Durante as eleições, os favores e ameaças constituíam-se enquanto instrumentos de retaliação da democracia no país, fazendo da fazenda do coronel o palco para a espetacularização do poder.

Para podermos compreender o jogo de continuidades e discontinuidades destas práticas no decorrer do tempo é imprescindível focar a abordagem, problematizando os processos econômicos, sociais e políticos que permeiam o século XX, bem como compreender por que o “velho” persiste em meio ao “novo”. É percebida a sobrevivência destas práticas não mais com o nome de coronelismo, e sim de assistencialismo, presente na vida do meeiro, do arrendatário que vê no provedor de seu benefício uma figura paternalista; como veremos em nosso próximo ponto.

### **O CENTRO DE REPRESENTAÇÃO DE PODER DA FAMÍLIA PESSOA: A FAZENDA “PROSPERIDADE”**

O pertencimento da terra, sua ligação e suas consequências são percebidos seguindo o pensamento de Tolstói, “A mais cruel das escravidões está em ser privado da terra, por que o escravo que tem um dono é escravo de uma só pessoa, mas o homem privado do direito à terra é escravo de todo mundo.” A família Pessoa, dona da *fazenda Prosperidades*, é possuidora de cerca de 75% de toda terra disponível à criação de gado e agricultura familiar, além dos posseiros habitantes de algumas localidades destas

terras, deste modo mantem uma relação quase umbilical com todos aqueles usuários deste espaço.

É inegável a prática deste assistencialismo vinculado à mediação de benesses de favores públicos, que se tornam práticas representativas no entorno municipal, pois os anos áureos desta família com domínios estadual e nacional passaram. Porém permanece a importância do sobrenome Pessoa como sinônimo de poder e representação.

No terreno eleitoral o sobrenome atua, quase sempre, como a plataforma de candidatos, apesar da crescente urbanização, da modernização e do avanço nas relações entre os diversos setores da sociedade, o que possibilita a constatação de que as grandes famílias tradicionais continuam presentes e influentes politicamente. Na Paraíba, o poder político de base familiar, caracterizado pela longevidade nos cargos representativos e no reconhecimento de uma base territorial de influência, persiste até os nossos dias, ainda que em outros contextos e sob outras demandas políticas. Sua importância é demarcada nas análises das performances eleitorais e dos posicionamentos e das alianças realizadas por esses grupos, sempre consideradas fundamentais para resultados de votações no Estado. (TERUYA, 2012, p. 251).

Detentora do poder, desde sua chegada às terras umbuzeirenses, a Família Pessoa coloca-se à frente da emancipação do município como mecanismo de ampliação de seu poder, transformando o município em uma extensão de sua fazenda. Por volta do século XX começam a serem criadas medidas de planejamento para intervenção do governo central na região Nordeste. Tomando para si as decisões frente estas ações a serem desempenhadas no município, são convocadas grandes massas de trabalhadores para realização de obras públicas, que na grande maioria das vezes focam essas obras no melhoramento de suas próprias propriedades, reuniões estas ocorridas na *Fazenda Prosperidade*.

Em nosso município esse fenômeno ficou conhecido como “Emergência”, onde posseiros e arrendatários eram convocados a trabalharem nas obras de construção e limpeza de açudes. Estes trabalhadores recebiam um soldo do Estado e se sentiam gratificados por serem escolhidos pelos chefes da família para trabalharem nas obras deste melhoramento. Pensando no corpo enquanto um espaço de produção do poder, José Adilson Filho (2009) afirma: “O nosso corpo é o responsável pela tradução da microfísica do poder que se distribui no espaço político, social e familiar. Ele é a morada privilegiada do poder e das práticas e representações.” (p. 59).

A ação paternalista é percebida nos enlances de apadrinhamentos dos posseiros para com a família, em geral, convidando o representante atuante politicamente da

família para ser padrinho de casamento e de batismo de seus filhos, aumentando assim o aparente laço de amizade entre o dono da terra e seus dependentes. Aos jovens a oportunidade de um contrato público, uma fonte de renda na prefeitura municipal, festas em bairros carentes, promoção de vaquejadas, e festas em praça pública.

Para os trabalhadores mais idosos é utilizado outro mecanismo para gerar e estreitar este laço de dependência, de forma que é oferecida a oportunidade da aposentadoria como agricultor, e para isso o trabalhador é colocado na posição de submisso, na necessidade de comprovação de trabalho para acesso ao benefício. Para assegurar que este trabalho foi real é dado ao trabalhador necessitado desta documentação o Fôro, compreendendo a extensão da terra onde a agricultura era realizada, ficando assim o dono da terra como o benfeitor desta ação.

Segundo Lewin (1993), a referida fazenda era produtora de gado, e também de cana-de-açúcar (p. 147), mas também era realizada a criação de suínos, equinos e aves, além das plantações para subsistência, completamente diferente ao estado atual da Fazenda Prosperidade, contrariando seu nome, hoje se encontra improdutiva e sua manutenção atrelada ao pagamento do foro de seus arrendatários.

Detectamos que ambos os nossos consultados são analfabetos e possuem dependência direta da terra. Para os dois foreiros destaca-se o modo como adquiriram sua renda de terra, através da morte de seus pais e necessidade de dar seguimento ao sustento da família, e nos dois casos seus pais eram moradores das terras da Família Pessoa. Quando indagados sobre a serventia da fazenda, também obtivemos respostas pares, onde ambos afirmam que, às vezes, frequentam a fazenda para participar de reuniões para aumento do foro, resolver questões ligadas à terra, e outras vezes nas festas de gado, como as cavalgadas, realizadas nos períodos eleitorais. Registramos uma dessas cavalgadas realizada justamente no último período eleitoral. Observemos as imagens.



Vista da fachada da casa sede da Fazenda Prosperidade, onde se encontra fixada uma faixa expressiva ao Deputado apoiado. Deste modo todos os que do evento participaram são sabedores de quem a Família Pessoa está coligada.

(Imagem registrada por Thayse Julia Avelino Rodrigues em 21/09/2014)



Ao fundo observamos o Prefeito Thiago Pessoa Camelo, a ser cumprimentado pelos participantes da festa, ao lado de sua mãe, Lúcia de Fátima Pessoa Camelo, filha de Terezinha Lins Pessoa e Carlos Pessoa Filho.

(Imagem registrada por Thayse Julia Avelino Rodrigues em 21/09/2014)

As imagens deixam claras as ações realizadas da *Fazenda Prosperidade* direcionadas ao controle do voto dos dependentes de suas terras. Quando questionado sobre a contrapartida política, Seu Ernesto, que possui há 70 anos laços de ligação com a terra da família Pessoa, a resposta obtida foi clara e expressiva: “Se a gente não votar... Eu não posso nem dizer nada. Tem que ter compromisso com aquela pessoa.”

O Senhor Pedro é ainda mais categórico: “Indica o candidato a ser votado.” Ao ser perguntado, se ele não votar? O mesmo responde: “Se não votar, é ameaçado de perder a terra”. Um morador da fazenda há 43 anos, quando questionado sobre a mesma temática, afirma: “Sempre votei neles, tem que acompanhar eles”. Nessas afirmações ficam expressos a dependência, o medo de perder a terra e o sentimento de gratidão, uma mistura de ações e reações, mantendo privados da liberdade de opinião e do voto os dependentes dos Pessoas.

Este laço de dependência e gratidão estende-se e passa de geração em geração, pois as únicas fontes de renda do município são os aposentados, os agricultores e os

trabalhadores da prefeitura municipal. Ambas as fontes de renda concentram-se nas mãos da família Pessoa, (re)afirmando seu poder e as relações de dependência do povo para com os donos da força, executores desse poder de sua fazenda, onde conclamam reuniões e onde se iniciam e se encerram, em caso do não cumprimento do que se é exigido, as relações com a Família Pessoa.

## **EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE UMBUZEIRO E PARTICIPAÇÃO ATIVA DA FAMÍLIA PESSOA**

Finais do século XIX, 1880, tem início os primeiros movimentos com ideais de emancipação de Umbuzeiro, pertencente na época ao município de Ingá. O então coronel Antônio da Silva Pessoa<sup>5</sup> e seu irmão Dr. Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa foram os maiores incentivadores da emancipação. Em 1890, Epitácio Pessoa ocupa o cargo de secretário do Governo da Paraíba, no governo de Venâncio Neiva, deste modo redige o Decreto de nº 15, criando o município de Umbuzeiro, assinado em 02 de maio de 1890, elevando Umbuzeiro à condição de vila e sede do município de mesmo nome.

A área municipal compreende do lugar Jardim até o sítio Jucá, bem como hoje as já emancipadas cidades de Aroeiras, Natuba e Santa Cecília. Devido a vários problemas, incluindo problemas de comunicação, pelo Decreto nº 25, que revogava o Decreto nº15, transfere-se a sede do município para um lugarejo de nome Barra de Natuba, localizado às margens do rio Paraíba, na desembocadura do Riacho Natuba, durando de 1892 até 1904, onde uma enchente do Rio Paraíba dizima este lugar. Assim pelo Decreto nº 225, de 19 de novembro de 1904, cria-se o município de Umbuzeiro, cuja sede volta à vila de Umbuzeiro.<sup>6</sup>

## **INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA PESSOA NA VIDA RELIGIOSA E EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO**

A Diocese da Paraíba, em 1894, foi criada pela Bula *Ad Universistas Orbis Ecclesias*, pelo Papa Leão XIII, em 27 de abril, que constituía os estados da Paraíba e

---

<sup>5</sup>Fato muito comum às famílias de maior poder aquisitivo constitui-se em mandar seus filhos para as capitais para cursarem Direito, porém não encontramos documentos que comprovassem a veracidade de tal prática com ralação à Família Pessoa, com relação aos representantes citados acima.

<sup>6</sup> Ver mais em GOMES. José Eduardo. Umbuzeiro 100 Anos: Nossa Terra – Nossa História – Nossa Gente. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.

do Rio Grande do Norte. Apenas em 27 de outubro de 1902 é criada a freguesia de Umbuzeiro, sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento. A referente freguesia contou até o presente momento com três igrejas matrizes, sendo a última de inspiração e empreendimento o coronel Antônio Pessoa, ainda em 1918. O mesmo falece sem concretizar a obra, que fica agora sob o encargo de seu filho, Dr. Antônio Pessoa Filho. Com a ajuda de sua esposa, Marina Feraz Pessoa, a obra concretizara-se treze anos após seu início, em 17 de março de 1941.

Outras pessoas contribuíram para a edificação da matriz, entre elas temos o coronel Antônio Pessoa, idealizador da construção, Dr. Epiácio Pessoa, Antônio Pessoa Filho, Dr. Carlos Pessoa, Marina Ferraz Pessoa, Dr. Epiácio Pessoa Sobrinho, dona Margarida Pessoa, Jorge Pessoa, o vigário Abdias de Fonseca Leal e o cônego Ramalho. Ressaltando ainda o fato de que o cônego Ramalho não iniciava a celebração da santa missa aos domingos, antes da chegada da Família Pessoa, em especial a presença de dona Marina Pessoa<sup>7</sup>.

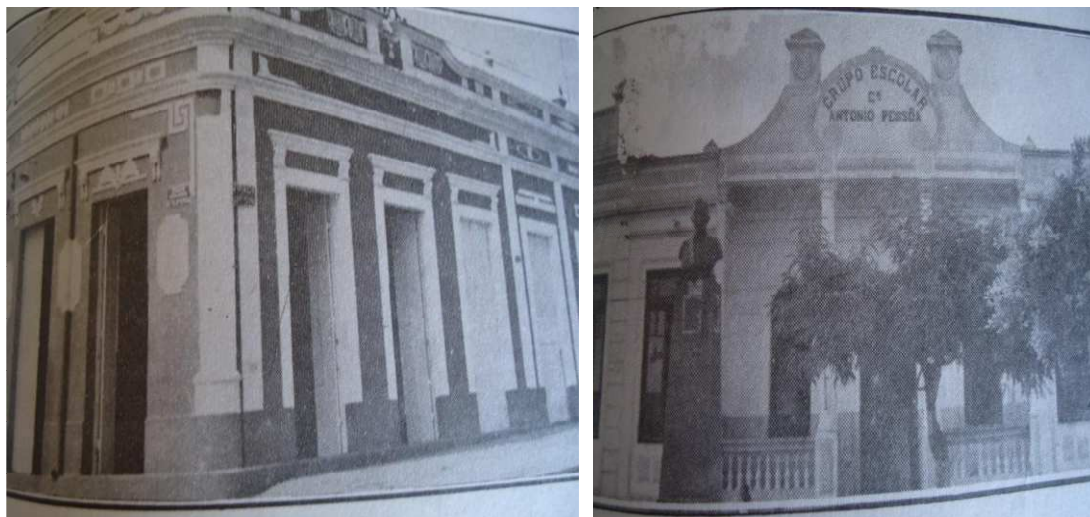
Até os dias atuais é dedicada uma noite no mês de maio à Família Pessoa como forma de reconhecimento pelo feito prestado na construção da matriz. Além do mais, é frequente a aparição de membros da família Pessoa em missas e procissões, sempre ocupando lugar de destaque na participação da vida religiosa do município. Para além da religiosidade, em Umbuzeiro a Família Pessoa também ganha destaque no âmbito educacional, pois para pensarmos isto não há nada mais expressivo do que se observarem os nomes dos prédios públicos escolares, incluindo as agremiações recreativas do município.

Segundo Gomes (1995), existiu em Umbuzeiro o Núcleo Literário Recreativo Musical *Presidente Epiácio Pessoa*, um teatrinho onde os sócios reuniam-se. Ainda em 1942, foi inaugurado o primeiro prédio escolar construído no município, de nome *Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa*. A Biblioteca Municipal, inaugurada em 1942, intitulada *Presidente João Pessoa*. Além de muitos outros prédios, ruas e avenidas que funcionam como lugares de memória, a memória viva dos Pessoa, que trataremos mais a diante.

---

<sup>7</sup> Fato muito comum às famílias de maior poder aquisitivo constitui-se em mandar seus filhos para as capitais para cursarem Direito, porém não encontramos documentos que comprovassem a veracidade de tal prática com relação à Família Pessoa, com relação aos representantes citados acima.





## A CIDADE MONUMENTO - CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA

Com a emancipação do município, idealizada pela Família Pessoa, tem início o processo de nomear os prédios e construções que foram surgindo na cidade, dando margem assim ao que Pierre Nora (1993) irá chamar de lugares de memória, lugares estes que foram sendo nomeados por membros da família Pessoa no poder municipal na época de suas construções.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).

A não participação, bem como o não reconhecimento gera a falta de veneração pelas camadas populares, como é desejada por quem está no centro do poder. Vejamos a introdução da cartilha sobre Epitácio Pessoa, a ser distribuída aos jovens paraibanos, de autoria de Carlos Pessoa Filho:

Desejo prestar singela contribuição e homenagem à mocidade estudiosa da Paraíba, com um depoimento em torno de **um dos maiores valores da nossa vida pública – o Presidente Epitácio Pessoa. As novas gerações não podem desconhecer os vultos mais exponenciais que a Paraíba ofereceu à vida pública brasileira** e têm o direito de reclamar de nossa parte o legado desse conhecimento. **Por imperativo de laços afetivos e de conterraneidade, é compreensível que faça uma dedicação especial deste modesto trabalho, aos estudantes dos Municípios de Umbuzeiro, Aroeiras, Natuba, Gado Bravo e Santa Cecília.** O nosso propósito mais amplo é uma série de monografias e aqui damos o primeiro passo, **iniciado pela vida de um filho de Umbuzeiro que, com seu exemplo, cultura e bravura, figura na galeria de honra das mais proeminentes personalidades da vida nacional – Epitácio da Silva Pessoa.** (PESSOA FILHO, 2009, p. 03).

As novas gerações emergem como alvos da construção da imagem de veneração da família Pessoa, usando o cotidiano como cartilha para tal ação. “A instancia familiar é um espaço privilegiado para difusão desta cultura política, porque é através dos nossos pais que vamos formulando nossos primeiros conceitos sobre tais famílias e o poder local” (ADILSON FILHO, 2009, p. 73). Desta forma destaca-se a importância da memória que a família do indivíduo já possui.

A memória “é como uma escrita originária e secreta, que é atingida pelos toques, como o piano que ‘produz’ sons ao toque das mãos” (CERTEAU, 1994, p. 163). Este toque pode ser entendido enquanto despertador de lembranças, e “Deste modo a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão a nossa disposição no momento em que desencadeamos o fluxo da memória” (LUCENA, 1997, p. 224).

As construções enramadas pela cidade funcionam como pontos de memorização da importância dos Pessoas, e legitimação do lugar social ocupado pela Família Pessoa, porém não são encontrados nomes de membros da família em bairros não projetados que foram surgindo de forma desordenada, desprovidos de infraestrutura e possuidores de altos índices de carência, como é o caso do bairro do Matadouro.

A estigmatização de algumas ruas e bairros da cidade favoreceu a associação dos seus moradores a prática geralmente negativa. Os efeitos deste processo ajudaram, em primeiro lugar, a desqualificar estética, econômica e socialmente tais localidades, para num segundo momento criminaliza-las. Certamente esta última teve enormes consequências sobre a identidade e autoestima dos seus moradores. (ADILSON FILHO, 2009, p. 114).

“[...]Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como maquinaria, como uma máquina social que não está situado em nenhum lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura

social”.<sup>8</sup> A não nomeação dos bairros periféricos com os nomes da família não exime estes lugares de lugares de poder, essas populações carentes são as que mais sofrem com a troca gerada pelo assistencialismo, condicionando-as e as negligenciando à condição de dependentes, na sua grande maioria famílias desestruturadas, desempregadas que veem nas ações dos líderes da Família Pessoa um vínculo de obrigatoriedade e vinculação.

Os bolsões mais expressivos dessa prática são detectados também ao observamos os nomes recebidos por estas localidades, a exemplo temos a Rua da Palha, onde no seu início os moradores não dispunham de condições para construir casas de alvenaria, a Rua da Conceição, O Alto, e as Coabes, que recebem apenas números: um, dois, três e quatro. E o bairro do Matadouro, bairro mais populoso da cidade, e com maior nível de carência, justamente local onde são realizadas as festividades idealizadas pela Família Pessoa, a exemplo de aniversários com a presença do povo, São João do bairro, entre outras aparições reafirmando os atos de populismo.

O contato entre essas populações desfavorecidas e os monumentos de representação do poder encontram-se nas edificações espalhadas pela cidade, que possuem seus significados para fixação desse lugar de memória. As edificações de âmbito educacional receberam um lugar de destaque na memorização dos nomes da Família, iniciando pela creche, que recebe o nome de *Terezinha Lins Pessoa*<sup>9</sup>, seguida da *Escola de 1º grau Coronel Antônio Pessoa*, a *Escola Municipal Maria Pessoa Cavalcante*, e a *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente João Pessoa*, além da *Biblioteca Municipal Presidente João Pessoa*. Construções que afirmam a “preocupação” da Família Pessoa com a formação educacional de seus munícipes. No aspecto saúde temos o *Centro de Saúde Sinhá Pessoa*.

As principais ruas e avenidas da cidade também recebem nomes de representantes ilustres da família. Inclui a *Avenida e Travessa Dr. Carlos Pessoa*, a Casa Museu onde nasceu *João Pessoa*, em total estado de abandono, localizada na sede

---

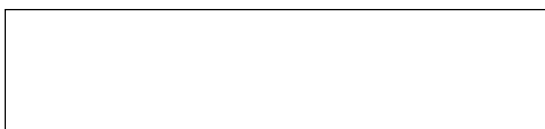
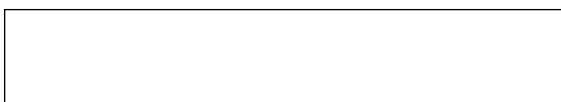
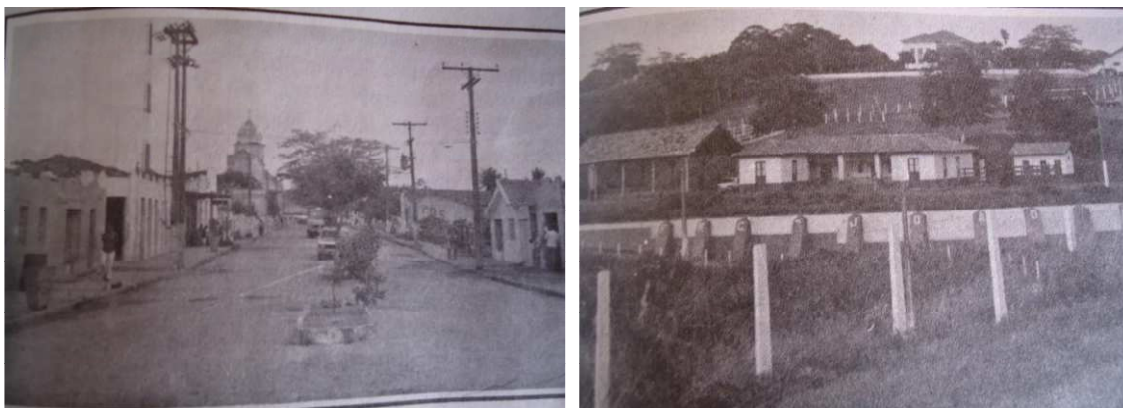
<sup>8</sup> MACHADO, Roberto (op. cit., p.13).

<sup>9</sup> Terezinha Lins Pessoa nasceu em 11 de maio de 1933, no Engenho Corredor, município de Pilar – Paraíba, filha dos senhores de engenho José de Araújo Lins e Maria do Carmo de Albuquerque Lins. Iniciou seus estudos na Escola do Engenho do Corredor, transferindo-se depois para a cidade de Pilar, e posteriormente para João Pessoa, onde completou sua formação no Educandário das Lourdinhas. Em visita que fez à cidade de Umbuzeiro acompanhada de seus pais, conheceu o deputado Carlos Pessoa Filho, com quem veio a casar-se em 16 de fevereiro de 1955. Tornou-se uma mulher influente na política municipal e estadual, elegeu-se prefeita da cidade de Umbuzeiro com um mandato de seis anos (1976 a 1982). Sua administração valeu o título de “Mãe de Umbuzeiro” e melhor prefeita do município. Em 1989, assumia o mandato de deputada pelos municípios de Umbuzeiro, Aroeiras e Natuba. Faleceu em 19/09/2002.

da fazenda da família, a antiga Embrapa, hoje Emepa–PB, *Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba* Epitácio da Silva Sobrinho, além das praças e bustos, a *Dr. Carlos Pessoa*, *Presidente João Pessoa*, *Coronel Antônio Pessoa* e *Dr. Carlos Pessoa Filho*. Contendo ainda a bandeira e hinos desenvolvidos no município, que abordaremos no próximo tópico. Isto remonta não só a expressão da construção do lugar de memória, mas também o uso do poder público para exercer tal ação, miscigenando assim a história, o poder e a memória a um povo.

### Lista de Imagens





### **A BANDEIRA DO MUNICÍPIO: SÍMBOLO MUNICIPAL**

Segundo José Eduardo Gomes (1995), a bandeira do município em vigor ainda hoje foi idealizada por João Pessoa Neto, já falecido, e aprovada por lei municipal na administração de Terezinha Lins Pessoa. A bandeira remonta a uma saudação ao passado, assim como a bandeira da Paraíba, evocando a existência de um sentimento comum focado nos acontecimentos de 1930<sup>10</sup>. Gomes afirma ainda que a bandeira é uma continuidade da evocação pelo luto a João Pessoa, ressaltando o lamento e a importante significação deste símbolo frente à perda sofrida pelo Estado e pelo município.

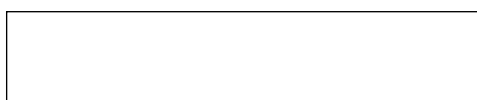
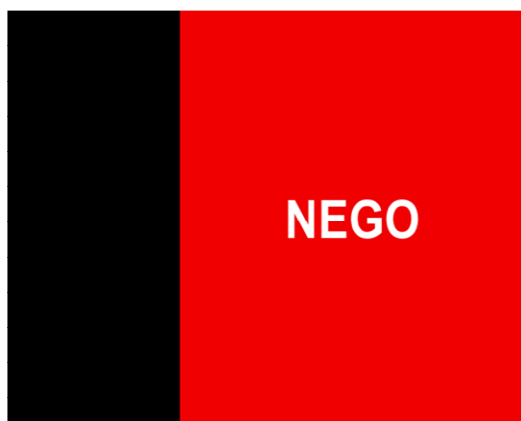
Ribeiro (2013) descreve sua visão ao observar a bandeira do município: “Vendo a bandeira de Umbuzeiro, observamos que ela se define por três elementos: (1) a bipartição se duas cores, o preto e o vermelho, símbolos da ‘Revolução de 30’; (2) um brasão sobreposto entre as duas cores e (3) a expressão ‘NEGO’ disposta logo abaixo no quadro vermelho, semelhante à bandeira do Estado.” (p. 107).

O que a bandeira do município traz de diferença da bandeira do Estado está em seu brasão, onde ressalta as “riquezas” do município, focando em seus principais produtos agrícolas: a cana-de-açúcar e o algodão. Logo abaixo no brasão temos um touro, remontando aos donos de terras e o umbuzeiro, árvore que dá nome a cidade.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Sobre a Revolução de 1930, a morte de João Pessoa e os desdobramentos após sua morte ver: RIBEIRO, Genes Duarte. *Sacrifício, heroísmo e imortalidade: a arquitetura da construção da imagem do presidente João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em História) João Pessoa: UFPB, 2009. E AIRES, José Luciano de Queiroz. *A fabricação do mito João Pessoa: batalhas de memórias na Paraíba (1930 – 1945)*. Campina Grande, EDUEFG, 2013.

<sup>11</sup> Ver mais em RIBEIRO, Genes Duarte. *Uma História de... Umbuzeiro*. In: *História dos municípios paraibanos*. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (org.). Campina Grande: EDUEFG, 2013.

A grande semelhança existente entre a bandeira do Estado e a bandeira do município exprime-se porque na bandeira do Estado torna-se o símbolo de resistência à “revolução” de 30 e o luto sofrido pela morte de João Pessoa, o grande “herói” da revolução. Enquanto a bandeira do município vem remontar ao mesmo acontecimento pelo fato de que em Umbuzeiro nasceu o grande nome do mesmo. Desta maneira a bandeira municipal vem destacar a importância do município como berço do “herói”.



### **CENTERNÁRIO DE NASCIMENTO DE JOÃO PESSOA – UMBUZEIRO COMO CENTRO DAS ATENÇÕES ESTADUAIS**

As festividades pelo centenário de nascimento de João Pessoa, visto como o ‘grande filho’ da cidade, aconteceram em 24 de janeiro de 1978, atraíram várias pessoas e autoridades para a cidade de Umbuzeiro. As comemorações tiveram início com uma missa na Matriz de Nossa Senhora do Livramento, celebrada pelo pároco da cidade, cónego Edwards Caldas Lins, cónego Eurivaldo Tavares<sup>12</sup>, e pelo Bispo Diocesano Dom Luiz Gonzaga Fernandes, com participação da Banda de Música da Polícia Militar da Paraíba. O sermão ficou a cargo do cónego Erivaldo, sermão bem acalorado por sinal. Vejamos:

E não seria demais imaginar que há um século atrás, exatamente a 24 de janeiro de 1878, embaixadores celestiais, tal como no Natal do Senhor, tenham daqui partido para o anúncio profético ao povo paraibano: “Comunico-vos uma alegre nova: Hoje na fazenda

<sup>12</sup> Cónego e major capelão da Polícia Militar da Paraíba e membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Foi da Comissão Estadual que organizou os festejos do Centenário do Presidente João Pessoa. Em seu livro intitulado: “Soldado Paraibano orgulho do “Grande Presidente”: contribuição da Polícia militar do Estado ao Centenário de João Pessoa”, que foi publicado naquele ano trazendo na íntegra os discursos de sua autoria, pronunciados durante as festividades. O cónego Eurivaldo Tavares dedica o seu livro à “memória” do Presidente João Pessoa, considerado por ele como “fonte perene de inspiração.”

Prosperidade, nasceu João Pessoa, aquele que haverá de se tornar o redentor dessa gente. Eis o motivo por que, a exemplo dos Magos do Oriente, também nós empreendermos esse roteiro sentimental, do litoral aos cariris, norteados pelo brilho refulgente da estrela de nossa fé patriótica, a qual nos guiou até aqui. E em chegando curvamo-nos todos, reverentes, diante desse chão bendito e da casa onde nasceu João Pessoa, enquanto abrindo o tesouro de nossos corações, ofereçamos em retribuição à Umbuzeiro, o ouro do nosso amor, o incenso do nosso louvor e a mira do nosso reconhecimento. (TAVARES, 1978, p. 40-41).

É clara a inspiração do cômico na narrativa bíblica, onde em seu discurso, segundo Ribeiro (2013), Belém e Umbuzeiro tiveram destinos iguais, cidades escolhidas para ser berço de um salvador. Continuando a homilia, o cômico segue reafirmando a fidelidade de João Pessoa à Paraíba até o fim de sua trajetória de ‘mártir’. Nesse sentido a cidade de Umbuzeiro tornou-se um imenso palco propício a encenações de grandes discursos e inaugurações de obras públicas, idealizadas pela prefeita Terezinha Pessoa, reafirmando a cidade como ‘berço de grandes heróis’. O então governador Ivan Bichara também proferiu um discurso em frente à casa onde nasceu João Pessoa, na *Fazenda Prosperidade*, proferindo a seguinte pergunta:

Que mistério, que força, que energias latentes se escondem nestes ares e nesta terra generosa e fecunda, matriz inegável, geratriz de inteligência privilegiadas, de heróis espartanos temperados nas lutas de vida desde a mais tenra idade? ( A União, 24 de janeiro de 1978.)

Umbuzeiro eterniza-se na fala do então governador como uma cidade-monumento, exaltando a paisagem local como testemunho do acontecimento do nascimento de João Pessoa.

No caso de Umbuzeiro vemos a convergência com a idealização entre o poder público na Paraíba dos anos de 1970 e de 1930 bem como uma tentativa de conciliar elementos de várias tradições institucionalmente cultuadas, tanto o passado da “glória” de Umbuzeiro bem como os festejos do nascimento de Presidente João Pessoa. Sendo assim, entendemos o ano de 1978 numa tentativa de reacender a partir de comemorações locais de exorcizar o esquecimento de “herói” e demarcar em cada pedra, mármore ou bronze a cidade “dos Pessoas” de outros tempos. (RIBEIRO, 2013, p. 108).

Após os representantes mais expressivos terem falecido, apenas Terezinha Lins Pessoa e Carlos Pessoa Filho, seu esposo, alcançaram representatividade no cenário estadual. Hoje seus filhos e netos não desempenham mais poder para além das fronteiras do município, restando apenas as lembranças dos tempos de glória. A *Fazenda*

*Prosperidade*, bem como a prefeitura do município ainda segue assegurando poder aos descendentes em linha direta, porém não com a mesma magnitude dos tempos de outrora.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Das relações de poder local exercido pela Família Pessoa na cidade de Umbuzeiro – PB podemos observar que a política na Paraíba e, conseqüentemente, a política no município de Umbuzeiro, nos primórdio do movimento de sua emancipação, por volta de 1890, foi dominada pela oligarquia da Família Pessoa. Nos tempos dominados pelos coronéis, a ação expressada com mais força e visibilidade encontrava-se entre o Cariri e Sertão paraibano. Em umbuzeiro, o mais expressivo representante deste período foi o C<sup>o</sup>. José Pessoa.

Não se pode discordar dos resultados eficazes dos mecanismos para autoafirmação do poder exercido pela Família Pessoa. Assim como atores que se fazem principais na atuação da vida política do município de Umbuzeiro, são mestres na arte de exercer o assistencialismo e o mandonismo, ações capazes de mantê-los no palco das encenações políticas do município de Umbuzeiro. Os tempos de magnânima glorificação ficaram no passado, onde os últimos representantes do poder familiar no âmbito estadual dos Pessoa já se encontram falecidos, a exemplo de Terezinha Lins Pessoa e Carlos Pessoa Filho.

Hoje, a família vive de um carisma e mando cada vez mais restrito com relação ao espaço, e distante do povo, principalmente da classe estudantil e da juventude com maior grau de escolaridade que seus pais. Seus governos são marcados por grandes índices de desaprovação, onde, mesmo um poder centenário, perdeu-se no tradicionalismo, desligou-se da realidade política, tendendo ao desgaste e enfraquecimento.

A impopularidade da Família Pessoa em umbuzeiro decorre fundamentalmente de vários fatores, como a permanência das velhas práticas de mandonismo, não correspondendo aos novos contextos históricos que foram surgindo, fixados como grandes proprietários, oligarcas, os pais da pobreza. Que até a década de 1990 os fazia reinar em absoluto, momento em que pela primeira vez os Pessoas sofreram sua primeira derrota política dentro do município, encabeçada pelo padre Edvardes Caldas Lins, aliado a um grupo de jovens estudantes sedentos por mudança. Somam-se aos fatores de mandatos desastrosos à frente da prefeitura do município, marcados por perseguição, salários atrasados, descaso com saúde, educação, moradia e infraestrutura.



O tempo é senhor de uma magia que a tudo modifica, transforma o novo no velho, ressignifica o ultrapassado, cura feridas, reconstrói almas e nos blinda com a beleza do esquecimento. Nada escapa ao toque do tempo, e com o poder não seria diferente. As representações de poder estão sujeitas aos efeitos do tempo, entretanto aquele que tem este nas mãos não costuma acreditar no fazer do tempo, pensando ser o seu poder mais forte. E nesse momento nossos atores políticos perdem-se.

O público é fiel, mas também é tocado pelo tempo, e um dia ou outro chega o desejo de ver, escutar e sentir diferente. Se nosso ator político não soube interpretar os desejos de seu espectador, acabar por cair nos mares, talvez não tanto do esquecimento, pois não podemos negar que o nome Pessoa ainda remete poder quando o pronunciado. No plano nacional, figuras mitológicas, mas em Umbuzeiro tendem a tornarem-se figuras folclóricas.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como finalidad la de evidenciar las prácticas del poderío de la Familia Pessoa en el municipio de Umbuzeiro – PB, como también las consecuentes implicaciones sociales y políticas de las prácticas en el contexto histórico de la sociedad umbuzeirense. Nuestro artículo es fundamentado en las obras de autores como Adilson Filho (2009) que busca desconstruir los mitos que donan sustentabilidad perpetuación del poder político; Nora (1993) que discute la problemática de los lugares de memoria; Bursztyn (2008) debatiendo el clientelismo en el noreste; Lewin (1993) que trae el sistema político en la Paraíba durante la República Velha y Duarte (2013) tratando la historia del municipio, así como la influencia de la Familia Pessoa. Con base en una investigación de campo que se configura en cuestionarios realizados con habitantes y foreros que utilizan las tierras de la Familia Pessoa tanto para el ganado como para la agricultura familiar. Es importante destacar el modo como la dominación de esta familia y el asistencialismo se enraizan en estas generaciones y como la familia mezcla el poder emanado de su finca al poder ejercido en la alcaldía del municipio. Al analizar la trayectoria política de la Familia Pessoa en el municipio de Umbuzeiro, se buscó no solamente prenderse a su fuerza política sino también los procesos que evidenciaron su lenta decadencia.

**PALABRAS CLAVE:** Familia Pessoa; Poder local; Umbuzeiro.

## REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Trd. de Luiz Tupy Caldas de Moura. Editora Universidade de Brasília. 1982. Título original: Le pouvoir sur scènes.

BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: Garamond; Fortaleza: BNB, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Rio de Janeiro, 1994.

ADILSON FILHO, José. **A cidade atravessada: velhos e novos senários na política belo-jardinense**. Recife: COMUNIGRAF, 2009.

GOMES, José Eduardo. **Umbuzeiro 100 Anos: Nossa Terra – Nossa História – Nossa Gente**. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Trad. André Villalobos. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LUCENA, Célia. **Tempo e espaço nas imagens das lembranças**. IN. Os desafios contemporâneos da História oral. (Org.) VON SIMON, Olga Rodrigues de Moraes. Campinas, CMU/Unicamp, 1997.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, 1993.

PESSOA FILHO, Carlos. **Epitácio Pessoa**. N° 1 Biografias. N° 2 Estudos Biográficos. João Pessoa: A UNIÃO, 1998.

RIBEIRO, Genes Duarte. **Uma História de... Umbuzeiro**. In: História dos municípios paraibanos. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (org). Campina Grande: EDUFCEG, 2013.

SILVA, Nelson de Souza e. **A teoria do poder à luz dos dogmas dos filósofos John Locke, Jean – Jacques Rousseau, Montesquieu e Michel Fucalt, na análise do poder político exercido pela “Família Pessoa” no decorrer do século XX, no município de Umbuzeiro**. Umbuzeiro. UVA – 2009.

TAVARES, Eurivaldo Caldas. **Soldado paraibano orgulho do “Grande Presidente”:** **contribuição da Polícia Militar do Estado ao Centenário de João Pessoa.** Ed. A União, João Pessoa, 1978.

TERUYA. Marisa Tayra. **“Em família: arranjos, negociações e poder local na Paraíba (1940 – 1946)”** In: \_\_\_\_\_ **Cultura e poder Político: historiografia, imaginário social e representações da política na Paraíba republicana.** Faustino Teatino Cavalcante Neto; Paulo Henrique M. de Queiroz Guedes & Martino Guedes dos Santos Neto (orgs). João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2012.

# ANEXO



Universidade Estadual da Paraíba

Departamento de História

CIA – Central Integrada de Aulas

Pesquisadora: Thayse Júlia Rodrigues Avelino

1. DADOS PESSOAIS

NOME: \_\_\_\_\_

DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

2. RELAÇÃO COM A TERRA

TEMPO DE USO DA

TERRA: \_\_\_\_\_

INICIO DA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA PESSOA:

---

---

---

---

---

COMPROMIÇOS DO FORREIRO/MORADOR:

---

---

---

---

---

RELAÇÃO COM O DONO DA TERRA:

---

---

---

---

---

USO DA TERRA:

---

---

---

---

---

COMTRAPARTIDA POLÍTICA:

---

---

---

---

---

---